



CENTRO ESPÍRITA: _____

MOCIDADE ESPÍRITA: _____

Curso: Juventude em defesa da vida e pela paz

Aula: 09 – Defesa da natureza

Instrutores:

Data:

Duração: 55 min.

Objetivo: Compreender que a paz no nosso mundo é também defender a natureza que nos alimenta, abriga e nos dá condições de viver.

CONTEÚDO	TEMPO	DESENVOLVIMENTO	RECURSOS
Natureza: empréstimo divino	3' 10'	<p>Prece inicial e chamada</p> <p>Introdução</p> <p><u>Dinâmica – Complete a frase</u></p> <p>- O/A instrutor(a) deverá, previamente, escrever cada frase em uma tira de papel e colocá-las dentro de uma caixinha. Os/As jovens deverão estar sentados em círculo e, conforme a sequência, cada um deverá pegar uma frase para que seja completada de forma improvisada, com o pensamento que vier à cabeça. A dinâmica tem por objetivo despertar o jovem para a temática a ser estudada.</p> <p>Frases:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Quando penso no futuro do meio ambiente, eu vejo...2. Quando estou em um parque, eu gosto de...3. Quando entro num ambiente sujo, com muito lixo no chão, eu penso que...4. O que mais me deixa triste em relação ao meio ambiente é...5. Eu me sinto integrado(a) à natureza quando...6. Quando alguém desperdiça água, eu...7. Minha maior esperança é um dia ver os rios...8. Quando falam em poluição, eu...9. A natureza é um bem precioso que deve ser...10. Quando leio nos jornais notícias sobre catástrofes ambientais, eu...11. Eu colaboro com a natureza quando...	Tiras de papel Caixa



		<p>12. Para mim, o maior problema ambiental é...</p> <p>13. O desequilíbrio ecológico é quando...</p> <p>14. Se o homem continuar destruindo o meio ambiente, ...</p>	
	2'	<p><u>Apresentar slide/cartaz</u></p> <p>- A destruição dos recursos da natureza, mesmo a título de progresso, é uma triste tendência dos homens da atualidade. E cremos que semelhante agressão à vida natural se fará seguida por amargas consequências de que o tempo trará notícias à Humanidade Terrestre. (Emmanuel, Entender conversando. Questão 171.)</p>	Slide/cartaz
	3'	<p><u>Vídeo: o que espiritismo e ecologia tem em comum?</u></p> <p>- Lançar esta questão aos/às jovens, ouvir seus comentários e apresentar o vídeo no qual André Trigueiro traça um paralelo entre Espiritismo e Ecologia.</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AxAwq0xVyMs.</p>	Vídeo
<p>O que é realmente necessário para a nossa sobrevivência?</p> <p>Lei de destruição e ação do homem</p>	15'	<p>Desenvolvimento</p> <p><u>Estudo de caso: A lição de Aritogogo</u></p> <p>- Dividir os/as jovens em dois grupos para estudo do caso extraído da obra Pontos e Contos de Humberto de Campos, Irmão X.</p> <p>- A cada grupo será entregue uma questão para debate e apresentação das conclusões por meio de um representante.</p> <p>Questões norteadoras:</p> <p>1 - Qual ensinamento Aritogogo dá ao companheiro sobre o consumo, acumulação de riqueza e poder?</p> <p>2 – O que isso tem a ver com a defesa da natureza?</p>	Distribuir para cada grupo o Caso e o cartão com as questões norteadoras para estudo
	15'	<p>- Apresentação de slides/cartazes com o conteúdo doutrinário:</p> <p>* Desperdício</p>	Slides/cartazes



		<ul style="list-style-type: none">* Lei de destruição e ação do homem* Os seres da natureza e nós* A preocupação com o futuro* A natureza e o Espírito	
A preocupação com o futuro	5'	<p>Conclusão <u>Caça ao tesouro - Como posso contribuir?</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Espalhadas pela sala (ou centro espírita) estarão tiras de papel (ou cartões) com ações que o/a jovem pode realizar em favor da preservação da natureza. Eles/elas deverão procurá-las e, posteriormente, comentar, assim como propor outras ações.- Estabelecer uma meta concreta de ação a ser realizada durante a semana para contribuir com o meio ambiente (ex.: reduzir lixo, optar por usar bicicleta ou ir a pé para determinado local, ao invés de transporte motorizado etc.) <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p>Ações:</p><ol style="list-style-type: none">1. Incentivo à separação e reciclagem de materiais2. Propor à Direção do Centro Espírita para colocar placas educativas nos banheiros e próximo a torneiras etc. para um consumo consciente de água3. Confeccionar material educativo e, desde que com autorização da Direção da Casa Espírita, distribuí-los nas palestras e cursos.4. Aproveitar e tratar restos de comida, transformando-os em adubo para os canteiros e jardins da Casa.5. Reaproveitar o óleo de cozinha para fazer sabão, por exemplo.</div>	Tiras de papel
	2'	Prece de encerramento	

Caso: A lição de Aritogogo
Livro: Pontos e contos, Cap. 32



Autor: Irmão X (Humberto de Campos)

Situação: Diálogo no mundo espiritual

Examinávamos a paisagem das ambições humanas quando um amigo considerou:

– Que o homem atenda aos conselhos da prudência, armazenando em bom tempo, como a formiga, para os dias de necessidade e inverno forte, é compreensível e razoável. A vigilância não exclui a previdência quando é possível amearhar com o bem; mas explorar o quadro das misérias alheias, embebedar-se na preocupação de ganhar, escravizar-se ao dinheiro é criar um inferno de padecimentos intraduzíveis.

– Quantos precipícios cavados pelo egoísmo conquistador?! – disse outro – é lastimável observar as angústias semeadas nos caminhos humanos. As guerras não constituem senão o desdobramento das ambições desmedidas. E dizer-se que toda essa marcha de loucuras demanda as zonas da morte! Quão incompreensível a nossa cegueira, nos círculos carnais! Quantos pesadelos desnecessários e quanta ilusão para se desfazer na sepultura!...

Um dos companheiros presentes sorriu e acrescentou:

– Nesse capítulo, recebi inolvidável lição, há mais de trezentos anos, por intermédio de um chefe indígena em nosso país.

– Como assim? – perguntei, sumamente interessado.

– Em princípios do século XVII – esclareceu o interlocutor – participava dos serviços de uma embarcação francesa, em transporte de pau-brasil. Periodicamente, dávamos à costa onde fizéramos agradável camaradagem com os silvícolas e, naquela época, envergando a qualidade de português do Alentejo, não tive dificuldades para aprender alguns rudimentos da língua aborígine, ao contacto dos nossos. Em razão disso, o chefe da tribo litorânea, que respondia pelo nome de Aritogogo, dedicava-me especial atenção. Na sexta viagem de nosso barco, o velho bronzeado chamou-me em particular, ministrando-me uma das mais belas lições de filosofia que já recebi em toda a minha vida. Observando-nos a afoiteza em carregar o navio com a madeira preciosa, perguntou-me ele, na linguagem que lhe era familiar:

– Escute, meu amigo, não há lenha em sua terra? É preciso enfrentar o abismo das águas para alimentar o fogo no lar distante?

– Não, Aritogogo – respondi, esboçando um sorriso de pretensa superioridade –, a madeira não se destina a fogão. O pau-brasil fornece tinta para a indústria da Europa.

– Mas, para que tanta tinta? – tornou ele, assombrado.

– Para tingir a roupa dos brancos – expliquei.

– Ah! Ah! Vêm buscar a lenha para repartir com o povo – exclamou o cacique –, assim como nós buscamos remédio para os que adoecem e comida para os que têm fome!...

– Não, não – esclareci –; somos empregados de um industrial. Toda a carga pertence a um só homem. Trata-se de poderoso negociante de tintas, em França.

Aritogogo arregalou os olhos, espantado, e indagou:

– Que deseja esse homem com tantos paus e tanta tinta?



– Fazer fortuna – respondi –, alcançar muito dinheiro, ter muitas casas e muitos servidores...

O chefe índio sacudiu a cabeça e tornou a perguntar:

– Mas esse homem nunca morrerá?

Ri-me francamente da interrogação ingênua e observei:

– Morrerá, por certo.

– Então? – disse o índio – se ele vai morrer, como nós todos, deve ser tolo em procurar tanto peso para o coração.

Tentei corrigi-lhe a concepção, obtemperando:

– Esse homem, Aritogogo, está preparando o futuro da família. Naturalmente, pretende legar aos filhos uma grande herança, cercá-los de fortuna sólida...

Foi aí que o cacique mostrou um gesto singular de desânimo, e falou em tom grave:

– Ah! Meu branco, meu branco, vocês estão procurando enganar a Deus. As tribos pacíficas, quando começam a cogitar desse assunto, esbarram nas guerras em que se destroem umas às outras. O único ser que pode legar uma herança legítima aos nossos filhos, é o dono invisível da Terra e do Céu. O sol, a chuva, o ar, o chão, as pedras, as árvores, os rios são a propriedade de Deus que, por ela, nos ensina as suas leis. Retirar os nossos filhos do trabalho natural é pretender enganar o Eterno. Como podem os brancos pensar nisso?

– Nesse momento, porém – continuou o amigo espiritual –, o comandante chamou-me ao posto e despedi-me de Aritogogo, para não mais tornar a vê-lo naquela recuada existência.

O companheiro esprou o olhar pelo céu azul, como a procurar a imagem distante do cacique filósofo e concluiu:

– Desde então, modifiquei minha ideia de ganho, compreendendo onde estão o supérfluo e o necessário, a previdência e o desperdício, a sobriedade e a avareza, a reserva justa e a ambição criminosa. A lição de Aritogogo incorporou-se ao meu espírito para sempre. Com ela, aprendi que dominar o dinheiro e aproveitá-lo a bem de todos, socorrendo necessidade e distribuindo bom ânimo é obra do homem espiritualizado; mas, deixar-se dominar pelo ouro, na preocupação de ganho transitório, não reparando meios para atingir os fins, açambarcando direitos de outrem e valendo-se de todas as situações para recheiar os cofres e multiplicar os lucros, tão somente para manter a superioridade convencional, em prejuízo da consciência, é obra do homem vulgar, escravizado aos gênios perversos da tirania.” (Irmão X, *Pontos e contos*, 12. ed., p. 196-201).